



E a força do povo?

Seja qual for o elenco de candidatos elegíveis no dia 15, todos estarão em débito com o eleitorado num ponto, pelo menos: depois de 29 anos sem eleições presidenciais, iremos para as urnas sem que a população tenha sido ouvida sobre seus desejos maiores para o País e a forma de concretizá-los. Os candidatos, sem exceção, aproveitaram a campanha e os dois meses de horário eleitoral gratuito para dizer o que pensam do Brasil, dos brasileiros e das soluções para ambos. Não se empenharam em criar canais de expressão para o povo, em ouvi-lo sobre os rumos a tomar.

Uma das formas pela qual isso ficou evidente está no retrato do Brasil e de seu povo que apareceu no vídeo nestes dois meses. Sem dúvida, tivemos oportunidade de ver colocados na TV os terríveis dramas da nossa gente — e isso foi um extraordinário avanço político, tanto a exposição dos problemas como a discussão em torno deles, já que ambas normalmente não frequentam a televisão, muito menos no chamado horário nobre. Mas ficou faltando algo: o retrato da força do povo.

Provavelmente por causa dos velhos caminhos da nossa política, só nos foi mostrado — com raríssima exceções — o povo enquanto vítima, enquanto fraco, por exemplo, quase só retratado como alguém massacrado, degredado, exilado de sua cultura, que precisa de proteção externa; rarissimamente mostrado na força, na beleza, na integridade de sua própria cultura;

É uma postura, no fundo, assentada nos valores de uma política paternalista. Não em uma política de cidadania plena.

E, no entanto, quanto haveria a mostrar da força de um povo — que, afinal, é quem constrói, concretamente, o País, com as suas mãos e o seu suor. Tudo o que existe de concreto é feito por essas mesmas pessoas, que só se consegue ver como vítimas. Para que haja "salvadores".

Onde está a força das pessoas que conseguem sobreviver com o salário mínimo que temos? Que conseguem morar, comer, vestir-se, transportar-se para o trabalho e para a escola ganhando 35 dólares por mês? E ainda conseguem formar pessoas capazes de construir um país

e não perder a esperança. Quanta competência! Numa hora de crise, de escassez como a que vivemos, quanto não teríamos a aprender com a experiência de vida dessas pessoas!

No horário eleitoral de quarta-feira à noite, no programa do PSDB, que retratava a miséria de uma grande parte das nossas mulheres, uma delas disse: "Sabe onde eu catei roupa para eles (os filhos)? No lixo!"

Com essa força e essa responsabilidade na vida, de que não seria capaz essa cidade, se não lhe tirasse condições?

AINDA A FAVELA

Parece simbólico que um dos temas centrais do horário eleitoral gratuito e da campanha seja o soterramento de uma favela chamada Nova República, no coração da riqueza brasileira.

Símbolos e significados à parte, é preciso repetir que se a Frente Brasil Popular e a prefeitura de São Paulo não conseguirem um encaminhamento melhor dessa questão debatida no vídeo do TSE, dificilmente a candidatura de Lula escapará do episódio sem queimaduras graves.

Há poucos dias, comentou-se aqui que o fato de a FBP haver conseguido mostrar no vídeo que o proprietário de um dos terrenos da área ser sogro da filha de Maluf deixava mal o ex-governador de São Paulo, principal acusador da prefeita Luiza Erundina e de Lula. Mas não eximia de responsabilidade a prefeitura de São Paulo, já que a obra do aterro fora multada e embargada várias vezes. Qualquer espectador deve estar perguntando: por que não se determinou mesmo a paralisação dessa obra? E se essa pergunta não fosse respondida satisfatoriamente, a capacidade administrativa do PT e de seu candidato à Presidência estariam atingidas.

Na quarta-feira à noite, Maluf voltou à carga no horário eleitoral gratuito. Usando a mesma testemunha que aparecera no horário da FBP, tentou provar que: 1) o terreno do sogro da filha de Maluf nada teria a ver com o desabamento (com excelente uso dos recursos visuais da televisão); 2) a própria Prefeitura estaria despejando entulho no aterro que, ao deslizar, soterrou a favela.

Retorna-se à questão do comentário anterior, com uma agravante. E a história pode acabar muito mal para Lula.

QUARTA ONDA

O programa do candidato Mário Covas tenta mostrar que, nesta reta final da campanha, ele é a "estrela" em ascensão, a "quarta onda" (após Collor, Lula e Afif), o mais capaz de vencer qualquer adversário no segundo turno.

A tática terá, provavelmente, seus efeitos na determinação de uma parcela do "voto útil", daquele eleitorado dito à esquerda que aguarda um esclarecimento do quadro para definir seu voto no candidato com mais chance. Mas também determina a represália dos adversários. Na última quarta-feira, Maluf e Afif (esse sem aparecer) partiram para, como de Covas, para dizer que ele não é o ser ético e coerente que seu programa tenta passar.

Covas foi acusado de tudo. De aceitar ser prefeito bônico de São Paulo, de usar truques publicitários, de falta de ética na edição do primeiro debate da Bandeirantes, de ter duas faces, de favorecer sua própria empresa enquanto prefeito, de infidelidade partidária, de omissão na Constituinte em temas capitais (como o do tabelamento dos juros) e até de leniência com sequestradores, terroristas e traficantes.

Aceitará o senador paulista ir para a defensiva no momento crucial ou correrá o risco de não responder?

QUEM COME

O senador Afonso Camargo teve seu bom momento na quarta-feira. Primeiro, com uma frase: "No Brasil, os que comem não dormem, com medo dos que não dormem porque não comem". Depois, com uma pregação em que dizia ser preciso que cada cidadão assuma sua responsabilidade e não espere que o governo, sozinho, resolva tudo.

Perfeito. Mas como chegar aí se o cidadão passa toda a campanha ouvindo dos candidatos — inclusive de ele, Camargo — que o governo é responsável por todos os nossos males e que eles, candidatos, resolverão tudo inclusive com o vale-almoco, o vale-creche etc.?